

Museus fazem bem à saúde? Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI

Are museums good for health? A thesis on museum and health in 21st century society

Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa¹

DOI 10.26512/museologia.v9i17.29475

Resumo

O artigo tem a intenção de demonstrar, através de resultados de pesquisa sobre as relações entre memória, saúde e museus, que o uso adequado e constante dos bens culturais de uma sociedade, podem promover saúde cultural e integral nos cidadãos e nas cidades. Para demonstrar isso, há autores de referência que fundamentam a pesquisa, assim como foram relatadas experiências marcantes entre patrimônio cultural, museus e público que dão base à formulação do título “Museus fazem bem à saúde?”. A autora vem dedicando seu tempo à pesquisa desse tema que lhe parece fundamental ao campo da Museologia, desde 2008, principalmente durante os anos de intervenção com percepção sensível no Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro e no Hospital Santa Isabel, unidade da Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

Palavras-chave

Saúde. Diálogo museal. Patrimônio cultural. Memória. Museu.

Abstract

The article intends to demonstrate, through research results on the relations between memory, health and museums, that the adequate and constant use of a society's cultural assets, can promote cultural and integral health in citizens and cities. To demonstrate this, there are reference authors who base the research, as well as remarkable experiences between cultural heritage, museums and the public that support the formulation of the title Are Museums good for health? The author has been dedicating her time to researching this topic that seems fundamental to the field of Museology, since 2008, mainly during the years of intervention with sensitive perception at the Museum of Images of the Unconscious, in Rio de Janeiro and at Hospital Santa Isabel, unit of Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

Keywords

Health. Museum dialogue. Cultural heritage. Memory. Museum.

A pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre a relação entre museu e saúde se iniciou nos anos de trabalho na Universidade Federal da Bahia e ganhou corpo e consistência, desde 2014, no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria/RS, onde mestrandos orientados pela autora investigam as relações entre o que se faz nos museus e a aquisição de saúde cultural. Em primeiro plano, a Museologia se associa a outras disciplinas para, de forma interdisciplinar, construir conhecimento com base em sistemas analíticos que envolvem observação criteriosa, estudo aprofundado em fontes primárias e secundárias, descrição em forma de anamnese, análise iconográfica e iconológica, documentação e catalogação baseadas em sistemas contemporâneos de registro informatizado e midiático. E a pesquisa avança, com base nos estudos de mentalidades e de representações sociais, para procurar demonstrar a contribuição que o rico e amplo patrimônio cultural

¹ Professora Titular em Museologia, aposentada pela UFBA (2018) e colaboradora na UFSM (desde 2008). A pesquisa contou com bolsistas PIBIC e mestrandos financiados pelo CNPq. Na UFSM, a pesquisa continua com financiamento da autora.

Museus fazem bem à saúde?

Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI

brasileiro, pode oferecer à construção da Saúde Cultural das populações e, conseqüentemente, das cidades.

Considerando o bem cultural como algo que tem valor coletivo e um profundo significado para o grupo que o criou, a tarefa do museólogo vai muito mais além do que preservar objetos significativos para uma dada sociedade. Ao observarmos essa profissão com olhar mais aguçado, procurando entender o que é esse bem cultural de que tanto se fala, percebe-se que o museólogo é responsável por preservar a alma das sociedades, por preservar a saúde cultural dos grupos sociais.

A questão inicial sugere que um profissional museólogo, bem formado e consciente de seu papel social, responsabiliza-se pela saúde cultural dos cidadãos, porque uma sociedade sem valores culturais preservados fica doente e se deteriora, deixando o patrimônio em ruínas e o sentimento das pessoas, despedaçado.

Isto porque tudo aquilo que chamamos patrimônio cultural, quer seja o que está nos museus quer seja em outros espaços considerados territórios culturais, é fruto do fazer humano. Então, cada objeto, cada edifício ou monumento, cada lenda, cada ritual, música ou crença traz em si a energia imantada do conhecimento e da emoção de quem produziu e executou. E essa energia e emoção representam a Vida, essa energia vital, dinâmica e profunda que move cada um dos indivíduos e a coletividade ao longo da existência.

Assim, o que se pretende nesse artigo é identificar o que os museus, importantes laboratórios de pesquisa para o fazer museológico e a comunicação cultural, e espaços culturais afins estão realizando em termos de ações expositivas e estratégias museais para obter diálogo intelectual, emocional e lúdico com os mais diversificados públicos. E nesse sentido, pretende-se ressaltar a força positiva das atividades voltadas ao trabalho com a Memória Social através da Arte, da Ciência e da Tecnologia.

Relações entre Museus, Patrimônio, Arte, Memória

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, assim define o que é considerado patrimônio cultural no Brasil:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

De forma mais abrangente, a Declaração de Caracas, resultante do encontro de líderes culturais da América Latina e da Europa promovido pela Organização de Estados Americanos/OEA, em 1992, considerou que o patrimônio cultural de uma nação, região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que o constituem, incluindo o meio ambiente.

Considerando que a noção de patrimônio cultural foi muito expandida a partir das pesquisas realizadas nos anos 90 do século XX, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) criou uma lista

para indicar o que ela considera ser patrimônio cultural digno de preservação do ponto de vista artístico, histórico, científico e cultural. Os bens culturais da humanidade, segundo a Unesco, são: cidades históricas, monumentos, paisagens culturais, territórios sagrados, herança cultural submersa, museus, artesanato, herança documental/digital, documentos cinematográficos, tradições orais, línguas, ritos e crenças, músicas e canções, artes cênicas, medicina tradicional, literatura, tradições culinárias, esportes e jogos, talentos humanos vivos.

Nesse sentido, destacam-se aqui as pesquisas que buscaram entender a origem dos museus, em especial as que se referem aos templos gregos como o Templo de Epidauro:

Os santuários de Asclépio, com destaque para Epidauro, eram também os centros culturais e de lazer. No santuário dessa divindade em Epidauro havia um Odéon, um pequeno teatro fechado onde se ouviam poetas e música; um Estádio para as competições esportivas, que se realizavam de quatro em quatro anos; um Ginásio para exercícios físicos; um Teatro, o mais bem conservado do mundo grego, construído no século IV a.C. pelo grande arquiteto Policleto, o Jovem; uma Biblioteca e numerosas obras de arte. (KOCH, 2011: 53-54)

Nesse templo, os sacerdotes estimulavam os doentes a recorrerem à prática de manterem pensamentos sadios e uma das formas de obter isso era a visita ao templo das Musas para apreciação de obras de arte e conseqüente elevação do espírito através da beleza e da genialidade do talento humano. Ou seja, a visita a espaços “musealizados” teria o poder de energizar os visitantes e colaborar com a cura de seus males. Hipócrates, considerado “pai da Medicina”, dizia que o teu alimento seja o teu remédio e que o teu remédio seja o teu alimento, sugerindo que tudo aquilo usado para nutrir uma pessoa poderia torná-la sã ou doente. Se, buscando uma metáfora pertinente, fizermos a substituição da palavra alimento pela palavra cultura, já que através dela se pode obter e conservar “bons e agradáveis pensamentos”, tal como desejavam os médicos seguidores de Asclépio em Epidauro, vamos obter a fórmula de que cultura é um alimento de cura, no mesmo sentido em que Brillat-Savarin afirmava que “o destino das nações depende da maneira como elas se nutrem”. (BRILLAT-SAVARIN, 1848: 212)

As pesquisas que estamos realizando no âmbito do patrimônio cultural e da memória têm apontado que a Cultura é um processo permanente de criação, adaptação, assimilação e ressignificação de valores em uma dada sociedade; cultura é a memória que queremos ter enquanto atores sociais, é ela que nos gratifica e nos emociona, nos dá a noção de pertencimento a um grupo, nos identifica na diversidade de padrões e de hábitos criados pelos seres humanos no planeta Terra.

Tendências da Pesquisa Científica sobre Museus no Século XXI

Estudos contemporâneos em Psicologia Analítica e em Neurologia estão, cada vez mais, integrando arte e ciência. Desde 1997, a *Wellcome Trust Foundation* e o *Science Museum* de Londres estudam a interação entre artistas e cientistas, considerando-a um território propício à fecundação da neuroarte. Bem antes disso, em 1946, Dr.^a Nise da Silveira, psiquiatra alagoana e primeira mulher a se formar médica na Faculdade de Medicina da Bahia, tratou seus pacientes dando-lhes o prazer de lidar com as emoções provadas pela arte nos ateliês de arte-

Museus fazem bem à saúde?

Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI

-terapia criados por ela no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Como resultado dessas atividades surgiu O Museu de Imagens do Inconsciente no referido hospital, e faz parte da história da reforma psiquiátrica no Brasil sendo um centro de referência na área da Saúde Mental. O que nos faz pensar na assertiva da afirmação do matemático polonês Jacob Bronowski: “O ser humano não é único apenas porque ele faz Ciência, nem é único porque ele faz Arte, mas porque Ciência e Arte são expressões da maravilhosa plasticidade de sua mente.” (BRONOWSKI, 2011: 201).

Corroborando com essas ideias sobre a integração interdisciplinar entre Arte, Ciência, Cultura e Memória, observamos parte da conversa de Auguste Rodin com Paul Gsell, na qual ele dizia:

Arte é contemplação. É o prazer da mente que penetra a Natureza e descobre o espírito que a anima. É a alegria da inteligência que vê o universo com clareza e o recria, dotando-o de consciência. A arte é a missão mais sublime do homem já que é o exercício do pensamento tentando compreender o mundo e torná-lo compreensível. (RODIN, 1990: 29)

Na incessante busca de compreender, então, o papel dos museus, de suas exposições para diversificados públicos e as estratégias de aproximação comunicativa que os profissionais de museus se utilizam para estabelecer diálogo em ambiente de percepção sensível, apresentamos os resultados de uma pesquisa efetuada pelo Instituto de Psicologia de Roma nos museus de arte situados em Roma, Itália, com casais na faixa etária entre 25 a 50 anos, nos anos 2000. Os professores pesquisadores Massimo Cicogna e Stefania Rocchi disseram o seguinte, após análise dos dados coletados:

Amor à arte fortalece a saúde. Amar a arte e gostar de conviver com ela torna a vida mais saudável, o intelecto muito mais ativo e combate a depressão.
 Visitar museus com frequência pode ajudar a recuperar a serenidade necessária para enfrentar os problemas do dia-a-dia.
 O contato constante com a arte aumenta a capacidade de atenção, o desempenho sexual e a segurança em si mesmo. Também melhora o estilo de vida de qualquer pessoa.
 Os casais que convivem com a paixão pelo belo têm uma cumplicidade erótica muito mais elevada que os outros (66% contra 37%).
 Acredito que uma pessoa acostumada a admirar obras de arte tem uma percepção mais sensível e aberta de tudo que a cerca. (CICOGNA, 2005: 10)

A partir dessas pesquisas, estamos dando prosseguimento a um estudo de público que procura revelar as habilidades específicas desenvolvidas em ambientes expositivos, os tipos de memória suscitados pelas coleções apresentadas e o papel da memória na percepção sensível e no conhecimento adquirido e compartilhado.

Breves Relatos de Experiências realizadas em Espaços Museológicos Estratégias de Ação a Exposição Auguste Rodin, Homem e Gênio 2008 – 2012

Através de um acordo entre o governo da Bahia e o Ministério da Cultura da França, foram cedidas 62 obras em gesso da coleção Rodin em Paris, por comodato de 03 anos, para serem vistas no Palacete das Artes, bairro da Graça, em Salvador, sob o fio temático do processo artístico desenvolvido por Auguste

Rodin.

Entre as estratégias utilizadas destacaram-se a cenografia expositiva, na instalação de uma sala semelhante ao ateliê de trabalho do escultor e no jardim das esculturas, que constava de uma montagem de tubos de acrílico branco transparente sobre um tablado em vidro temperado no qual se podia caminhar. Nos tubos cilíndricos foram colocadas as pequeninas esculturas, protótipos feitos por Rodin, à semelhança do que o escultor fazia nas colunas existentes em seu ateliê parisiense. Também houve um projeto educativo-cultural com visitas temáticas, que culminavam com as palestras filosóficas e musicais fazendo uma reflexão sobre a obra de Rodin em integração com música, literatura e ciência, a fim de promover melhor compreensão sobre o processo criativo desenvolvido por Rodin. Foi ainda realizada uma pesquisa de público para avaliar o impacto da obra do escultor na cidade de Salvador. Para as crianças foi elaborado um programa de Cirandas com Rodin, sempre nos finais de semana, realizado por uma colecionadora de brinquedos populares, professora e educadora. Houve muita contação de histórias sobre a vida do escultor, sobre memórias reveladas nas visitas.

Projeto Eletrocooperativa- 2004

Observando as necessidades básicas de conhecimento sobre patrimônio cultural nos nove grupos de percussão do Pelourinho, foi criado um grupo de jovens sonhadores com disposição para formarem noventa jovens, sendo dez de cada grupo de percussão no Pelourinho/Pelô. Esse público alvo recebeu formação em informática, em programas de computador, em criação de programas, em atividades de DJ, em preparação de spots e clips, entre outros.

A estratégia de aproximação empregada com os jovens foi o uso do Patrimônio Cultural musical e tecnológico como instrumento de inclusão. Os participantes criaram uma rádio comunitária para discutirem o tema com a população local; levaram essa discussão para um círculo de palestras dinâmicas onde, ao tempo em que um professor palestrava eles criavam spots sobre a fala que estavam ouvindo e ao final da apresentação esse spot já seguia para a rádio. Ao término das palestras, alguns jovens saíam promovendo gravações com os habitantes locais e com turistas nacionais e estrangeiros, indagando o público sobre o que ele considerava que era um patrimônio, um museu, pedindo ao final um registro da memória de cada trabalho feito na Eletrocooperativa. Houve tanto entusiasmo que criaram um conceito, hoje bastante divulgado entre a comunidade jovem do Pelô: Sevirologia, que segundo eles é fruto da experiência do “se vira, cara!”

Projeto Ocupa Nise – 2008-2014

Essa ação que foi realizada no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, teve a intenção de, respeitosamente, reativar o lugar ocupado por Dr.^a Nise da Silveira, junto aos pacientes atuais do referido hospital. Dessa forma, um grupo de pesquisadores em patrimônio cultural orientados por um médico que atuava no Hospital, se organizou para realizar debates intelectuais, poéticos, culturais com pacientes, cuidadores e médicos, iniciando com eventos no Teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro. Essa atividade cultural chamou-se Universidade Popular de Arte, Ciência e Cultura e envolveu participantes de várias regiões do Brasil.

Museus fazem bem à saúde?

Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI

Em paralelo criou-se o Hotel da Loucura, uma ocupação afetiva dos espaços físicos desocupados no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, onde paredes foram pintadas de cores vivas, antigas celas usadas para tratamento com choques elétricos se transformaram em quartos coletivos e os participantes (médicos, estudantes de Medicina, artistas plásticos, poetas, psicólogos, artistas de arte circense, museólogos, pedagogos, artistas de teatro de rua, entre outros) interagiram com pacientes do referido hospital a partir de ações integradas de arte, música, dança e teatro, sempre iniciadas com falas inspiradoras, seguidas de debates, conversas e ações interdisciplinares. Além disso, havia refeições coletivas e abraços que não chegavam para todos. Foi um período de grande mediação cultural para médicos, cuidadores e “pessoas em estado diferenciado de ser”, tal como Dr.^a Nise chamava os pacientes com questões de saúde mental.

Esse projeto Ocupa Nise deu a entender a todos que se envolveram nele, a percepção aprofundada do Ser humano como um ser holístico, traço/sentimento/comportamento inerente às características de todas as pessoas, portanto seres semelhantes mesmo quando elas mesmas não percebem e não utilizam essa energia de integração entre a parte e o todo e vice-versa.

O Museu de Imagens do Inconsciente foi palco de várias atividades artísticas com os pacientes que eram estimulados a apreciar e a reagir diante das obras de pessoas com questões semelhantes às deles, no período de 2008 a 2015. Um diálogo frutífero aconteceu, alguns voltaram a produzir mais nos ateliês de arte terapia, outros conversavam mais e expunham suas preocupações e alegrias, todos interagiram mais e melhor uns com os outros e com os mediadores culturais que participavam do movimento Ocupa Nise.

A Dissertação de Mestrado de Mircele Massirer, na UFSM

Em 2019, sob o título Educação Patrimonial: novos rumos da conscientização acerca do patrimônio vivo por meio da terapia ocupacional, a mestranda elaborou e testou uma cartilha, a partir da metodologia de Educação Patrimonial, para ser utilizada pelos terapeutas ocupacionais, como um instrumento facilitador da transição dos papéis sócio ocupacionais do usuário em saúde mental, convocando os terapeutas ocupacionais a mediar à saída dos usuários da condição de “loucos”, avançando rumo ao reconhecimento como “patrimônio vivo”.

Memória: Estudos que ligam Patrimônio Cultural, Arte, Medicina e Memória O que é a Memória?

Esse tema bastante caro aos neurologistas, parece ser também interessante e necessário para os atores culturais que usam o patrimônio como instrumento de trabalho. De acordo com Dr. Eric Kandel, memória é a cola que liga a nossa vida mental. É a característica fundamental da nossa vida mental; sem memória não haveria nada. Ele afirma que nós somos quem somos em razão do que aprendemos e do que nos lembramos. (KANDEL, 2009: 228-230)

O Dr. Ivan Izquierdo, neurologista argentino radicado no Rio Grande do Sul, que desenvolveu no Brasil grande parte do estudo sobre memórias, diz que a formação de memórias é favorecida pelo alerta emocional. (IZQUIERDO, 2006: 29)

Enquanto isso, o Prof. Cid Teixeira, historiador baiano que lecionou mui-

tos anos na Universidade Federal da Bahia, explicava que Cultura é a memória daquilo que se consegue lembrar com emoção quando tudo o que se aprendeu, já foi esquecido. (TEIXEIRA, 1984, notas de aula)

No mundo do século XXI a tecnologia digital apresenta um crescimento surpreendente e tem contribuído na promoção de significativas mudanças no campo das tecnologias de informação e de comunicação. As instituições culturais também procuram acompanhar esse movimento e vêm modificando e ampliando as formas de interação com o público. Uma grande parte dos museus de arte e de ciências exatas ou naturais, no mundo atual, promove exposições onde tecnologia, arte e ciência se misturam de forma muito positiva. Um exemplo recente no Brasil é a atividade dialógica do público com as obras de arte expostas na Pinacoteca de São Paulo; através de um programa criado pela *International Business Machines Corporation* (IBM) os visitantes podem conversar, fazer perguntas às obras (telas à óleo, esculturas, desenhos) através de pequenos aparelhos transportados pelos visitantes que por sua vez, manifestam na entrada do museu o seu interesse em fazer o percurso expositivo com essa tecnologia acoplada. Trata-se de algo mais interativo do que as já conhecidas gravações audíveis quando os visitantes se aproximam das obras; nesse caso, para qualquer pergunta que seja feita as obras “respondem” a partir do reconhecimento digital de determinadas palavras chave, o que provoca a impressão de um real diálogo entre duas partes e torna a visita muito lúdica e mais atrativa.

Em que pesem as inovações tecnológicas de ponta, as tendências atuais nos estudos sobre memória apontam para uma busca incessante de se compreender com mais aprofundamento e clareza as interações possíveis entre os estudos da neurobiologia e as estratégias museais em ambientes de gestão cultural e educativa. Isto porque tais estudos apontam para uma necessidade imperativa dos seres vivos, qual seja a construção de formas afetivas e sociais de comunicação sem a qual as espécies não criam possibilidades de sobrevivência saudável. Nesse sentido, as mais diversificadas e avançadas tecnologias de informação e de comunicação eletrônica, virtual, precisam continuar sendo instrumentos potentes e incontestáveis de transmissão da memória e do saber produzido ao longo dos séculos de ocupação do planeta Terra.

Assim, é importante destacar as palavras do Rei Carlos Gustavo Humberto, da Suécia, quando da entrega do Prêmio Nobel de Medicina ao Dr. Eric Kandel, em 2000, pelas descobertas científicas na área da Neurobiologia, identificando o *locus* de formação de memórias no cérebro humano, a formação de sinapses e a produção de neurônios.

Disse o rei que “o trabalho dele nos mostrou como esses transmissores por meio de fosforilação da proteína criam memórias de curto e de longo prazo formando o básico para nossa habilidade de interagir de forma significativa em nosso mundo. (HUMBERTO, 2000, discurso no Prêmio Nobel)

Durante os longos anos de estudo, Dr. Kandel obteve confirmações muito significativas que dizem respeito à formação de memórias nos seres vivos, especialmente em seres humanos. Diz ele:

Nos aos 60, quando eu comecei a trabalhar nós não tínhamos ideia do processo, não havia praticamente nada sobre o processo de aprendizado. Então primeiramente fomos capazes de mostrar que o aprendizado envolve mudanças na comunicação das células nervosas através das conexões sinápticas. E descobrimos que é possível ver, no nível das células nervosas o que vemos no comportamento. Existe a memória de curto prazo e a de longo prazo. [...] Sem a

força de ligação da memória as nossas experiências seriam retalhadas em vários fragmentos assim como alguns momentos de nossas vidas. Sem a viagem mental do tempo oferecida pela memória nós não teríamos conhecimento da nossa história pessoal, uma habilidade vital para a resolução de problemas. (KANDEL, 2009: 187)

Ainda acompanhando o raciocínio de Dr. Kandel, para que a memória de longo prazo se forme e se consolide ela necessita de dois componentes básicos: atenção e emoção. Ele explica que quando se ativa um sistema modulatório no cérebro através de dopamina ou de serotonina, isso libera uma substância transmissora química que age na formação e fortificação da conexão sináptica. E assim, a impressão de um evento se torna fortemente presente na mente, passando ao *status* de memória de longa duração.

O que meu trabalho mostrou é que a sinapse química é a chave para a compreensão do aprendizado na memória. A sinapse química não é fixa, é plástica, pode ser alterada pela atividade... Então, a sinapse utiliza qualquer fonte disponível para pegar instruções e fazer proteína. O objetivo de fazer tudo isso, de enviar proteínas pelo axônio, de enviar mensagens pelo axônio, é tentar conseguir uma coisa ... um produto final, que é o aprendizado. (KANDEL, 2016, entrevista filmada)

Na mesma linha de raciocínio e de pesquisa, o neurologista português Antônio Damásio, ganhador do Prêmio Pessoa em 1992, se dedica ao estudo da cartografia do cérebro ou, como ele mesmo diz, o cérebro à procura da alma. E com o resultado de suas pesquisas ele afirma que: _ “A razão pura não existe: nós pensamos com o nosso corpo e nossas emoções.” (DAMÁSIO, 2000: 76)

Reflexões Finais e Perspectivas

As muitas possibilidades de uso dos museus e de suas coleções pressupõem que o museu seja antes de tudo um ente colecionador, um formador de coleções, pois sua função primeira é identificar objetos potencialmente significativos que foram ou estão sendo produzidos na sociedade e buscar agrupá-los sob sua guarda, de maneira compreensível, para então poder usá-los em benefício da formação em ações culturais e educativas. O museu ocupa também o lugar de produtor de conhecimento, portanto, depende visceralmente de instrumentos e de pessoal diretamente envolvido com a pesquisa histórica, artística, literária, musical, tecnológica, na área médica, na biologia para citar apenas algumas disciplinas. Produzir conhecimento é produzir sentido para as coisas. Por isso o museu não pode prescindir da comunicação dos resultados das pesquisas ou elas de nada vão servir à sociedade. Assim, o museu ocupa também o lugar de comunicador, de um ente de diálogo museal com os mais diversos públicos. Mas o diálogo pressupõe abertura, respeito às diferenças, escuta e nesse sentido, o discurso do museu precisa vivenciar essa prática dialógica ou continuará sendo uma montanha de jargões científicos, impedindo muitas vezes que os diversos tipos de público participem, compreendam e se sintam à vontade.

As ações expositivas e as estratégias museais que forem desenvolvidas pelos museus ou outras instituições culturais visando interagir com o público (e não desejarem apenas levá-lo a um estado tão somente de apreciação) podem se apropriar mais detalhadamente das experiências curativas de Epidauro, dos resultados das pesquisas já consagradas sobre a Memória para que cada visitante se sinta acolhido e motivado a refletir, a questionar, a aprender com aquela

experiência expositiva.

Ainda se discute muito, no Brasil, os rumos que a educação e as políticas públicas voltadas para essa área, precisam tomar. Mas faz-se muito pouco pela educação de massa.

Respeitando algumas experiências marcantes vindas de profissionais com competência para olhar o OUTRO como um verdadeiro patrimônio que se deve amar e preservar, em geral faz-se quase nada pela educação dinâmica, dialógica e efetiva, especialmente no mundo dos museus. Falta um diálogo museal.

Hanna Arendt nos inspira intensamente quando se coloca a favor da educação e dos jovens: “Educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele, e com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens.” (ARENDR, 1972:247)

Pensando dessa forma, estima-se que quando uma pessoa entra em um museu ela precisa encontrar e receber afeto catalisador; ela precisa ter sua memória estimulada para apreciar com olhos renovados a incrível novidade do mundo e ainda precisa sentir sua autoestima elevada para poder criar ou fortalecer o conceito e a prática da Saúde Cultural.

Saúde Cultural é a capacidade que o indivíduo adquire de, através da percepção do valor dos bens culturais que compõem seu patrimônio, superar questões complexas da existência e melhorar sua qualidade de vida na qual o afeto catalisador, a memória afetiva e a autoestima elevada são fundamentos de base para obtenção da saúde integral. (COSTA, 2012: 91)

Museus que apenas levam os visitantes à contemplação, cumprem somente uma parte do seu papel social, pois não estimulam à reflexão, não proporcionam oportunidades para o cidadão pensar ou para exercer seu pensamento crítico. Os museus têm sido chamados a saírem da caixa, abrirem janelas, permitirem o olhar para os jardins, a calçada e as ruas, permitirem que se olhe para a vida. Pois, ao assim fazerem, eles estarão reconhecendo que o maior e verdadeiro patrimônio é o ser vivo, e sem dúvida, o ser humano, que é o produtor de bens culturais tangíveis e intangíveis, produtor de memórias e de emoções.

Por trás da elaboração do conceito de Saúde Cultural existem anos de trabalho duro e rigoroso. E vem sendo possível comprovar que os indivíduos que constroem sua saúde cultural, através da prática e do conhecimento de Arte, Ciência e Tecnologia, formando memórias de longa duração, se tornam capazes de empreender suas vidas, rememorar e salvaguardar lembranças do que lhes é mais querido, dialogar com segurança mesmo em tempos de incertezas, sustentar opiniões e serem capazes de modificá-las quando um novo conhecimento se mostrar mais pertinente e, com tudo isso junto no seu cotidiano, são aptos a melhorar sua existência e garantir níveis de esperança.

Dessa forma, é possível acreditar que aos museus cabe um grande papel social, por meio de sua atividade mais evidente ao público, as ações expositivas. Através delas é possível valorizar os seres humanos que as visitam, oferecer condições dignas para pensar a existência; as exposições museológicas podem ser um caminho para que a consciência cidadã se consolide e cidadãos conscientes ajam em favor da cidadania responsável.

Pode-se então perguntar, em que se fundamentam as estratégias museais

Museus fazem bem à saúde?

Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI

de maneira que possam oportunizar respostas às questões cotidianas de vida em sociedade, de vida social que valorize os bens culturais a ponto de não só preservá-los para as gerações futuras, mas também de divulgá-los promovendo formas de comunicação adequadas a todos os públicos. Seguramente os fundamentos são diálogo museal, memória afetiva, experiências humanizadoras e tecnologia adequada e inovadora, pois a memória bem preservada é a chave para a Saúde Cultural bem consolidada. Considerando que todo cidadão tem direito constitucional à sua memória individual e coletiva, torna-se uma obrigatoriedade para as instituições culturais a promoção e a participação na criação de políticas públicas para educação, cultura e saúde.

Pois afinal, qual é o lugar do museu na sociedade?

É o lugar da educação e da cultura, é o lugar da memória dos tempos que se forma através das memórias dos sujeitos, dos atores sociais, dos cidadãos enfim. Museu é lugar de talentos humanos apresentados para que a genialidade dos seres possa ser marco simbólico da passagem deles no planeta e possa elevar o espírito, confortar a mente e o coração. É tão genial um Da Vinci quanto um ceramista chinês anônimo que nos legou uma porcelana casca de ovo e ainda marcou no fundo: feito em dia de vento forte e de extrema tristeza! Todo ser humano é um patrimônio em potencial, à espera de que seja valorizado um talento, uma vocação, uma expressão artística, pois há saber em todo ser. Cabe aos mediadores culturais, aos formadores e educadores perceberem, valorizarem e incentivarem esses patrimônios vivos, plenos de memória e de saberes. E é essa diversidade de talentos que deve constar das coleções dos museus e é desse universo imaginário que o museu deve se nutrir para melhor se fazer presente no seu lugar social.

Gosto de pensar como Manuel de Barros e me identifico com ele, quando diz:

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

Porque eu não sou da informática:

eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios (Barros, 2010: 13)

Referências

Artigos

COSTA, Heloisa Helena F.G. “Museologia e patrimônio nas cidades contemporâneas: uma tese sobre gestão de cidades sob a ótica da preservação da cultura e da memória”. In: *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 7, n. 1, p. 87-101, jan.-abr. 2012

KOCH, S.R. “Asclépio, o deus-herói da cura: seu culto e seus templos”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, Suplemento 12: 51-55, 2011.

Entrevista em site da Internet

KANDEL, Eric R. “Em busca da memória.” In <https://www.youtube.com/watch?v=iYKQQ0lc470>. Acessado em 18. junho. 2016

Jornal

CICOGNA, Massimo e ROCCHI, Stefania. “Arte e vida saudável”. In *Folha Online*, artigo de Valquiria Rey, BBC Brasil, Roma. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u39094.shtml> Acessado em 27.01.2005

Livros

ARENDDT, Hanna. “A crise na educação: III e IV”. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas para Crianças*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.